



ALTERIDADE E OS IMPOSSÍVEIS DA INCLUSÃO

André Oliveira Costa – FAGED/UFRGS

Simone Moschen Rickes – FAGED/UFRGS

CAPES

Resumo:

Este trabalho tem como fio articulador dois conceitos que, ao nosso ver, são co-relativos, a saber, o conceito de **alteridade** e o de **inclusão**. Este só pode ser pensado caso esteja colocada como condição a dimensão da diferença do outro. A inclusão resulta no estabelecimento da inscrição de uma falta no Outro e marca um processo particular de inserção na cultura de sujeitos com necessidades educativas especiais. Pretendemos realizar uma interlocução entre a teoria e a clínica da psicose, desde a posição da Psicanálise, e a Educação no âmbito da inclusão. A idéia de trabalhar com o tema da inclusão na Psicanálise pode parecer contraditória, pois a psicose se coloca como uma estrutura excluída de uma organização de compartilhamento de sentidos. Entretanto, compreendemos que a clínica visa, em um certo modo, a produção desta inclusão enquanto produção de uma diferença que não está presente nesta estrutura. De que modo o conceito de alteridade, segundo a Psicanálise, pode produzir diferença no fazer da Educação inclusiva através da leitura do sujeito como uma posição subjetiva frente à linguagem? Como pensar a inclusão sem cair na identificação aos elementos dominantes de um conjunto? Como o movimento de inclusão de crianças com impasses na constituição subjetiva, no âmbito da Educação, pode ocorrer sem que se tende à adaptação às regras? É possível (ou necessário) dar conta do discurso universal de “educação para todos”?

Palavras-chave: Psicanálise, Inclusão, Alteridade

A ALTERIDADE NA PSICANÁLISE

A Psicanálise é a teoria que trabalha o sujeito a partir de seu lugar inconsciente. A função de verdade, para ela, coloca-se não do lado do sujeito consciente e certo de seus atos. Como nos diz Lacan, “o inconsciente escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu” [1954-55/1985, pg. 15]. Para a Psicanálise, a verdade do sujeito só pode surgir de fora deste campo do discurso consciente, pois, continua ele, “tudo se organiza, cada vez mais, numa dialética em que [eu] é distinto do eu”. A dimensão do sujeito, portanto, é pensada desde um outro discurso, uma outra cena, para mais além do eu da consciência. Por consequência, também a alteridade apresenta-se desde um outro lugar.

Ora, esta outra cena é propriamente o discurso inconsciente. O sujeito não é um sujeito do enunciado, que é encontrado no discurso manifesto e preso à certeza de si do *Cogito* cartesiano. Esta dimensão coloca-se como um conjunto de significantes vinculados a uma significação, fechados conforme a estrutura de signo. Em um signo, encontramos a união imutável do significante com uma significação, onde ele representa algo para alguém. Para Lacan, esta organização lingüística do signo é aquela do saber, do conhecimento científico, e não é capaz de revelar a verdade do sujeito do inconsciente. Isto não significa que esta organização em signo seja excluída da compreensão psicanalítica, mas se fixar apenas nela é afastar-se do discurso do inconsciente.

Este, por sua vez, apresenta-se na dimensão da lógica do significante. Conforme Lacan, “o significante é um sinal que não remete a um objeto. (...) Ele é também o sinal de uma ausência. Mas, na medida em que ele faz parte da linguagem, o significante é um sinal que remete a um outro sinal, que é como tal estruturado para significar a ausência de um outro sinal, em outros termos, para se opor a ele num par” [1955-56/1988, pg. 192] Um significante, portanto, não significa nada em si mesmo, mas apenas na medida em que ele está remetido a outro significante. Este, porém, não se apresenta como uma coisa, um objeto, mas propriamente como “a presença na ausência e a ausência na presença” [1954-55/1985, p. 55], que, dentro de um encadeamento, se remete a outro significante. Para que o sujeito seja organizado pela lógica dos significantes, portanto, ele deve entrar no mundo simbólico em que as palavras estão pelas coisas.

Neste hiato entre significantes é onde pode emergir a significação inconsciente, a verdade do sujeito. Define-se, desse modo, a tese lacaniana de que um sujeito é efeito da significação de um significante para outro significante. O sujeito, então, é compreendido a partir de sua posição adotada em relação à linguagem, quer dizer, como uma estrutura remetida ao Outro. “Não é estranho à essência da palavra, se é que se pode dizer isso, o agarrar-se ao outro. A palavra é mediação sem dúvida, mediação entre o sujeito e o outro, e ela implica na realização do outro na mediação mesma. Um elemento essencial da realização do outro é que a palavra possa nos unir a ele.” [1953-54/ 1986, p. 61] Lacan passa a considerar o sujeito, portanto, em seu posicionamento frente à ordem simbólica e aos laços sociais que ele estabelece.

Desse modo, o sujeito só pode ser compreendido desde sua posição frente ao outro. Distinguímos três perspectivas de considerar a alteridade na Psicanálise a partir dos três registros

Imaginário, Simbólico e Real, propostos por Lacan. Deve-se ter em mente que não se tratam de dimensões isoladas uma da outra, na medida em que se articulam como um nó borromeu. Isto significa que seus contatos estão justapostos de tal maneira que cada um está preso no outro de forma que, se uma das partes for solta, as outras duas também irão se romper. Apesar de apresentarmos separadamente, os três níveis da alteridade só podem ser pensados como interdependentes entre si.

Alteridade Imaginária: o (pequeno) outro

O que denominamos aqui como alteridade imaginária trata-se da dimensão do pequeno outro, através do qual o sujeito constitui-se reflexivamente a um outro semelhante, que o situa diante de sua própria imagem. “É que o eu humano é o outro, e que no começo o sujeito está mais próximo da forma do outro do que do surgimento de sua própria tendência.” [1955-56/1985, pg. 50] Iniciamos a descrição do conceito de alteridade pelo registro Imaginário, mas compreendemos que se esta referência for tomada apenas em si, ela não leva em consideração o inconsciente e a dimensão do sujeito enquanto estrutura de linguagem.

A posição de Lacan sobre a dinâmica especular da relação imaginária com o outro é tematizada especialmente em seus primeiros textos. No texto *Complexos familiares na formação do indivíduo*, de 1938, por exemplo, refere-se ao termo “complexo de intrusão” para dar conta da experiência de uma criança de se reconhecer entre irmãos. Lacan afirma que este complexo possibilita o reconhecimento que o sujeito faz de si através da imagem do outro. É responsável pela constituição psíquica e pela sociabilidade. Dentro dessa estrutura dual com o outro, afirma Lacan, “antes que o eu afirma sua identidade, ele se confunde com essa imagem que o forma, mas que o aliena primordialmente.” [1938/2003, pg. 49] A alteridade imaginária, então, participa da lógica da identidade e da diferença, eu e o outro.

Em outro texto, de 1946, *Formulações sobre a causalidade psíquica*, Lacan fala novamente sobre a posição especular do sujeito ao outro, enquanto imagem ideal ao qual ele se identifica. Este processo coloca-se como causalidade da formação do Eu, que, ao se apresentar como ilusão imaginária totalitária, estabelece um mimetismo com o semelhante, “no sentido de que o sujeito se identifica, em seu sentimento de si, com a imagem do outro, e de que a imagem do outro vem cativar nele esse sentimento.” [1946/1998, pg. 182] Ora, de uma forma geral, esses

textos mostram o que Lacan apresenta mais detalhadamente em *Estádio do Espelho como formador da função do eu* (1949), ou seja, a gênese do Eu como efeito da identificação à imago ideal projetada especularmente no outro.

Neste texto de 1949, Lacan apresenta este estágio como uma experiência na qual a criança, entre as idades de 6 a 18 meses, reconhece sua imagem diante do espelho. Trata-se, portanto, do momento que promove à criança a estruturação de seu eu através da identificação que ela realiza com a imago do outro. A antecipação de sua imagem totalizada no outro é condição de possibilidade da sensação de unidade do corpo e do controle motor, na medida em que este corpo era, de início, vivido como despedaçado.

O estágio do espelho é dividido em três momentos. Um primeiro tempo, de confusão entre a criança e o outro, no qual a identidade do eu com o outro, fica mais próxima da alteridade. Na segunda fase se estabelece a dinâmica do *transitivismo*, próprio da situação de ciúmes, da rivalidade com o duplo e da paranóia. Neste momento, o eu constitui-se ao mesmo tempo em que o outro também é constituído. Na captação pela imagem do outro, o sujeito é determinado na linguagem primeiro pela terceira pessoa para depois passar à primeira pessoa: “uma criança que bateu numa outra pode dizer: o outro me bateu. Não que ela minta – ela *é* o outro, literalmente.” [1955-56/1985, pg. 50] O terceiro momento do estágio do espelho, então, vem completar esta dialética. Ele representa uma virada do eu, até então especular e dual, para um eu simbólico. Este momento de conclusão do estágio do espelho, então, dialetiza, nas palavras de Lacan, “a passagem do [eu] especular para o [eu] social.” [1948/1998, pg. 101]

Toda inclusão que se baseia na lógica de pensar o que é idêntico e o que é diferente toma a alteridade apenas como um outro imaginário. Desse modo, ela se limita a nomear, classificar, catalogar e qualificar sustentada em parâmetros de medida do sujeito socialmente construídos. A inclusão não pode ser pensada como um processo que coloca um diferente dentro de uma organização constituída na identidade.

Alteridade Simbólica: o (grande) Outro

Pensamos que a operação de inclusão requer sempre a dimensão outra do sujeito. O sujeito é efeito de linguagem, quer dizer, uma estrutura que se posiciona, não em relação a um outro sujeito, mas em um lugar simbólico. O grande Outro é a alteridade no nível do Simbólico e

dos significantes. Afirma Lacan: “Sua presença só pode ser compreendida num grau secundário da alteridade, que já o situa, a ele mesmo, numa posição de mediação em relação a meu próprio desdobramento de mim comigo mesmo como também com o meu semelhante.” [1957/1998, pg. 529] Para além do imaginário, pois este é dual, logo que o eu fala com outro sujeito é instaurado um lugar terceiro, o do Outro. Assim, para além da relação imaginária do eu com seu semelhante, a alteridade simbólica assume o endereçamento daquele que fala.

Consideramos essencial a concepção de Lacan sobre o estatuto do Outro como um lugar. Enquanto alteridade, o Outro não é um outro sujeito, mas um lugar, onde se desenrola a “outra cena” do discurso inconsciente. Esse Outro aproxima-se da dimensão do inconsciente, um alhures que é “presente para todos e vedado para cada um” [1956a/1998, pg. 554]. Nele ocorre o pensamento que segue a lógica da organização própria do significante.

Ora, ao afirmar, logo no início de seu ensino, a tese de que “o inconsciente é o discurso do Outro”, Lacan determina a existência do sujeito a partir da posição que assume diante desta alteridade simbólica. Dessa maneira, ele escreve em textos do final da década de 1950: “o Outro é, portanto, o lugar onde se constitui o [*eu*] que fala com aquele que ouve” [1955/1998, pg. 432] e “o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A. O que nele se desenrola articula-se como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro)” [1956a/1998, pg. 555].

O Outro é o lugar simbólico da fala, “tesouro dos significantes”, testemunha da verdade do sujeito, mesmo que esta verdade inclua o engano. O Outro é determinado como lugar do código, onde “supõe-se que ele conheça a multiplicidade das combinações significantes” [1957-58/1999, pg. 121], ou seja, os arranjos possíveis segundo as regras da linguagem. É no Outro como tesouro dos significantes onde o sujeito encontra, não sua identidade, mas sua representação. “Tudo o que se realiza no S, sujeito, depende do que se coloca de significantes no A.” [1957-58/1999, pg. 163] Porque não estamos na organização de signo, onde algo é representado para alguém, mas na de símbolo, onde um significante representa o sujeito para outro significante, o que ocorre na relação sujeito e Outro é uma identificação simbólica. Esta relação não é a da identidade do signo, mas da diferença posta pelo encadeamento do primeiro significante aos seguintes.

Pois bem, o sujeito adquire os seus significantes a partir da fala daquelas pessoas que ocupam o lugar do Outro. A mãe é o primeiro sujeito que ocupa esse lugar do Outro primordial,

e, na medida em que ela entra na ordem simbólica da presença-ausência, a criança determina-se como *assujeito*. Este termo mostra que a condição inicial para que o sujeito surja é a de assujeitamento a esta alteridade primeira de quem depende. Enquanto ser determinado pela linguagem, então, “o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante.” [1964/1985, pg. 187]

Quando um bebê nasce, o Outro ainda não está constituído para ele. O Outro existe, de partida, apenas como suporte corporal para que ele possa engatar-se numa relação de objeto. Mas o sujeito só pode aparecer através da constituição do Outro, isto é, o sujeito emerge conjuntamente à inscrição da alteridade simbólica. Soler [2003] apresenta-nos esse movimento de instauração do sujeito e do Outro através da transição de posição da criança de um “filho-objeto”, cuja interpretação simbólica da mãe transforma seu corpo real em corpo significante, para um “filho-intérprete”, na medida em que, deslocado do lugar de ser interpretado, ele deve buscar decifrar este enigma significante que vem do Outro, ou, como Lacan já apontava no Seminário 3, constituir essa “incógnita na alteridade do Outro”. [1955-56/1985, pg. 49] Realizando, então, sua leitura do discurso do Outro que o envolve, a criança consegue estabelecer mais que uma fronteira ou intervalo com ele, mas consegue escavar, esburacar esse Outro que lhe tomava como objeto.

Compreendemos essa passagem do sujeito interpretável ao sujeito intérprete como o duplo movimento que Lacan apresenta, no Seminário 11, da alienação e da separação. Na medida em que o sujeito é tomado pelos significantes do Outro, ele ingressa propriamente no mundo simbólico, no código compartilhado. Torna-se um sujeito da linguagem e na linguagem. Ao assujeitar-se ao Outro, ele assujeita-se à linguagem e às regras próprias que a determinam. A partir da alienação, então, a criança passa a expressar-se através de palavras, pelo fato também de que ela passa a ser representada por significantes.

Porque um significante representa um sujeito para outro significante, este sujeito aparece neste intervalo: “a relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância” [1964/1985, pg. 196]. Lacan afirma que o sujeito nasce na medida em que, no campo do Outro, está instaurado o significante. Opera com a hipótese de que o sujeito emerge como efeito metafórico de uma falta no discurso do Outro. É no lugar desta falta, então, que ele vai se alienar como objeto da falta do Outro. Visto que a alienação posiciona o sujeito na falta do discurso do Outro, isto o conduz a assujeitar-se ao Outro e vir a ser um falta-a-ser, sujeito da linguagem, um

parlêtre. A separação, por sua vez, não está na regra do vel da eliminação (*ou* o ser *ou* o Outro), mas na lógica da intersecção, onde, entre o sujeito e o Outro, encontra-se um campo pertencente a ambos.

A separação é a operação que produz um recorte no Outro, fazendo com que algo deste diga respeito ao sujeito, mas não sua totalidade. Trata-se, portanto, de um movimento que produz uma divisão do Outro absoluto (A) em Outro barrado (Å) e um resto, representante da falta do Outro, denominado de objeto *a*. Na separação, quando o Outro apresenta sua incompletude através de seu desejo, isto é, mostrando-se como faltante, o sujeito tenta preencher esta falta. É este desejo do Outro que vai regular a posição do sujeito, isto é, seu desejo será o desejo do Outro.

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele *me diz isso, mas o que é que ele quer?* Nesse intervalo cortando os significantes, é de lá que chamamos o desejo.” [1964/1985, pg. 203]

O Outro, então, não encerra nenhum saber absoluto, nenhum código fechado. Como a linguagem se estrutura nos significantes, não há verdades absolutas, próprias de um discurso sem falhas e totalizado. No campo do Outro encontra-se uma falta fundamental, uma hiância, um furo que Lacan denomina de objeto *a*. Lugar determinado pelo termo “êxtimo”, diz do que é ao mesmo mais exterior e mais íntimo ao sujeito.

Alteridade Real: objeto a e a letra

Vimos que o sujeito (\$) está determinado pela relação que ele estabelece com a falta no Outro (Å). Esta falta surge como aquilo que, no nível dos significantes, resiste à simbolização. O Real determina-se como este resto do processo de significação das coisas pelas palavras e que *existe* ao sentido, quer dizer, está fora de qualquer inscrição simbólica. Consideramos que a alteridade real é aquela mais radical ao sujeito, pois, em sua condição de *êxtimo*, é o que há de mais exterior e mais íntimo a ele. Trata-se do termo forjado pelo próprio Lacan, objeto *a*, objeto-outro (*a* de “*autre*”).

O Real é tudo aquilo que não pôde entrar na ordem da simbolização e o objeto *a* surge como a presentificação da ausência do primeiro objeto de satisfação. Ele é formado pelo fracasso da operação significante de representação, pois, conforme afirma Freud, é condição que “objetos, que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos”. [1925/1997, pg. 299] Da queda do objeto de satisfação, instaura-se propriamente o objeto *a* como objeto causa do desejo, assim como a pergunta sobre o desejo do Outro (*Che vuoi?*). Na busca por essa resposta, o sujeito é levado a tentar satisfazer esse gozo com o reencontro do objeto perdido. Desse modo, o objeto *a*, a alteridade real, permite o enlace (pulsional) do sujeito com o Outro, representado por Lacan através da fórmula do fantasma: $\$ \diamond a$.

A fim de avançarmos na proposta de interlocução da **Psicanálise** com a **Inclusão**, acreditamos que a perspectiva da alteridade real, na dimensão de objeto, possibilita uma interessante aproximação com o conceito de **letra**, em Lacan. O que se pretende, então, é afastar o conceito de letra de sua materialidade significante. Isso conduz a trabalharmos a construção da imagem do corpo, da escrita e da própria inscrição psíquica, que devem ser tido em consideração na prática da Inclusão.

A letra, próxima do significante, é denominada *litoral* pela função de fronteira, separação entre territórios homogêneos. Compreendida como tal, ela não pode ser transmitida, visto que suas propriedades alteram-se com o deslocamento de lugar onde se situa. O significante nada transmite, pois não carrega nele nenhuma significação. Na década de 1970, Lacan reformula o conceito da letra como *litoral*, chegando a afirmar: “nada permite confundir, como se tem feito, a letra com o significante.” [1971a/2007, pg. 110]

Com o texto *Lituraterra*, Lacan articula a letra com o objeto *a*, resto do discurso do Outro, determinando sua função de *litoral*: “não é a letra... litoral, mais propriamente, ou seja, figurando que um campo inteiro serve de fronteira para o outro, por serem eles estrangeiros, a ponto de não serem recíprocos?” [1971b/2003, pg. 18] Esta letra, então, possibilita, conforme Allouche, a transliteração entre dois registros heterogêneos. Ela conjuga o Simbólico com o Real, a terra do saber com o mar do gozo. Afirma Lacan: “a escrita, a letra, está no real, e o significante, no simbólico” [1971a/2007, pg. 114]. Não se trata mais de letra significante – que dá a verdade do desejo –, mas de letra pulsional – que dá a verdade do gozo. Como pensar o estatuto da letra na inclusão de sujeitos com impasses na constituição psíquica?

A letra está em relação com o saber, ou melhor, com o buraco do saber. “A borda do furo do saber, não é isso que ela desenha?” [1971b/2003, pg. 18] Ela determina esse buraco erotizado onde o sujeito é posto na relação com a falta do Outro (\bar{A}). Desse modo, ela está próxima do gozo do Outro, na medida em que é índice do apagamento de um corpo pulsional que se manifesta através dos objetos da pulsão. Costa [2008] situa assim a letra no *Lituraterra* de Lacan: “como produção de resto e como produção de buraco no saber”.

A função da letra e de sua escrita, então, tem origem na falta própria do discurso do Outro e na demanda de um gozo perdido que decorre deste. Do que caiu do discurso do Outro, a letra é a marca de um gozo perdido, memória do gozo do próprio corpo, e a escrita vem demarcar a experiência desta perda. Se o significante quebra a estrutura de representação e se a letra, em sua função de escrita, é a ousadia de experienciar esta perda, nos cabe pensar a questão da letra e da escrita nos processos de inclusão.

PSICANÁLISE E INCLUSÃO: LAÇOS IMPOSSÍVEIS.

O tema da inclusão não se restringe ao debate da alfabetização de crianças com problemas de estruturação subjetiva (autismo e psicose), mas se estende às possibilidades de inserção do sujeito na cultura, tal qual afirma Kupfer: “o ato de educar está no cerne da visão psicanalítica de sujeito. Pode-se concebê-lo como o ato por meio do qual o Outro primordial se intromete na carne do *infans* (a criança que ainda não fala), transformando-a em linguagem. É pela educação que um adulto marca seu filho com marcas do desejo.” [2000, pg. 35] Psicanálise e inclusão, desse modo, são operadores que se aproximam por tratarem sobre as condições de inserção do sujeito no mundo simbólico, da inscrição subjetiva, dos limites da relação com a alteridade e, conseqüentemente, da constituição psíquica do sujeito.

Tal como afirmam Ribeiro e Bastos, “se toda criança é, face à pressão das pulsões, em certa medida ineducável, as autistas e psicóticas, por sua posição refratária a normas compartilháveis e pelo rechaço ao Outro, parecem radicalizar o impossível de educar.” [2007, pg. 27] Nossa proposta parte do questionamento sobre os efeitos produzidos em sujeitos que passam por impasses na constituição psíquica no momento em que são exigidos a terem que dar conta de uma posição simbólica que lhes é impossível.

Psicose: questões à alteridade, questões à inclusão.

O retorno de Lacan à Freud possibilitou que, desde cedo em sua teorização, as estruturas subjetivas fossem retiradas do âmbito da psicopatologia do indivíduo para compreendê-las como resultado da relação que o sujeito estabelece com o outro e, fundamentalmente, como um modo de existir na linguagem. Assim, o que se apresenta na teoria lacaniana é o posicionamento em relação ao significante. A partir disto, Lacan determina reiteradamente no Seminário 3: “Na psicose, é o significante que está em causa, e como o significante não é nunca solitário (...) a falta de um significante leva necessariamente o sujeito a reconsiderar o conjunto do significante.” [1955-56/1985, pg. 231]

A proposta de Lacan, então, é mostrar que uma determinada operação sobre um significante – mas não qualquer significante – leva o sujeito a assumir uma posição particular frente à linguagem e à relação com o Outro. Qual a lógica particular deste operador? Sobre qual objeto ele atua para que venha se constituir o fenômeno da psicose? Responderemos brevemente essas perguntas para, em seguida, pensarmos os dispositivos da clínica como um trabalho que considera uma posição particular frente à linguagem, a resistência à alteridade e o estabelecimento de um laço social.

Freud, no texto de 1894, *As neuropsicoses de defesa*, delimita a psicose em relação à neurose através de seus mecanismos de defesa específicos. Diferentemente da neurose, em que o recalque age separando a representação de seu afeto, na psicose “há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu rejeita (*verwirft*) a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido.” [1894/1997, pg. 64] Esta operação da rejeição reaparece no caso “Homem dos Lobos” para dar conta do processo psíquico da alucinação do dedo cortado. Escreve Freud: “Rejeitava (*verwart*) a castração e apegava-se à sua teoria da relação sexual pelo ânus. Quando digo que ele a havia rejeitado, o primeiro significado da frase é o de que ele não teria nada a ver com a castração, no sentido de havê-la reprimido.” [1918/1997, pg. 107]

Lacan utiliza-se dessas proposições de Freud para desenvolver sua teoria acerca da psicose. Traduz o termo *Verwerfung*, na última lição do Seminário 3, por forclusão, operador próprio da formação dessa estrutura. Também a partir de Freud, Lacan desenvolve uma das teses

principais deste Seminário, a saber, “tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real” [1955-56/1985, pg. 21].

A forclusão é o mecanismo próprio da psicose que atua, não em qualquer significante, mas no significante Nome-do-Pai, que é capaz de barrar o Outro absoluto e fazer com que a criança ingresse na ordem simbólica. A forclusão deste significante não afasta a criança do lugar de objeto fálico da mãe e não instaura a Lei simbólica. Trata-se da falha da operação da metáfora paterna, na qual o Pai simbólico se coloca no lugar do desejo do Outro. Na psicose, então, não se apresenta o significante da falta do Outro, condição para a tese do sujeito ser representado por um significante para outro significante. Ao contrário da neurose, onde o Outro é inconsciente e não consegue falar, a não ser pelos sintomas, na psicose, porque o Nome-do-Pai é forcluído, o Outro não é barrado, consegue falar e, portanto, habitar o sujeito. O sujeito está submetido a um Outro consistente, não faltoso.

A não inscrição simbólica do significante Nome-do-Pai no Outro assujeita o psicótico como objeto de gozo. O Outro, então, por não estar barrado, não está esvaziado de gozo, não perdeu o objeto *a* que lhe possibilita o gozo. O que Freud havia falado sobre a fenda na relação do sujeito com o mundo externo corresponde a essa falta simbólica do Nome-do-Pai, que suspende a organização da linguagem e da cadeia significante. Apresentam-se, desse maneira, os distúrbios de linguagem característicos da psicose, nos quais significante e significado não estão separados, mas colados sob a forma de signo. Afirma Lacan, sobre um psicótico: “tudo para ele tornou-se signo.” [1955-56/1985, pg. 17]

Por não estar no compartilhamento simbólica dos significantes, ele condensa o registro simbólico ao imaginário, que é aquele que estabelece com o outro uma relação especular. O psicótico tem dificuldades de responder desde este lugar simbólico, o que leva, na exigência da palavra pelo Outro, a poder desencadear uma crise. Tomar a palavra, fazer uso dela, implica uma relação mediada com a alteridade simbólica, que é marcada pela falta no Outro. Mas a ausência do registro simbólico do Nome-do-Pai não dá condição para que as palavras estejam pelas coisas, mas que elas sejam tomadas como coisas.

A partir disso podemos nos perguntar: como promover a inclusão de crianças com determinado modo de organização na linguagem em um contexto “normal” de educação, onde, muitas vezes, coloca-se necessário o intervalo entre significante e significado de modo a estabelecer uma enunciação do sujeito? Na psicose, saber e conhecimento estão muito próximos,

pois ambos são da ordem da certeza. Nesta estrutura, são outros os lugares da dúvida e do enigma. Trata-se de uma posição na linguagem em que a descolagem dos sentidos repercute de outra maneira. Como podemos pensar, então, a possibilidade de serem incluídos, se consideramos por inclusão o efeito de um processo de inscrição de uma falta no Outro?

Ao nosso ver, o termo “inclusão” traz em seu sentido a inserção de um elemento externo a um conjunto, eliminando o caráter da diferença deste elemento para transformá-lo na identidade do todo. Entretanto, o uso deste sentido de “inclusão” para o campo da Educação de crianças com impasses na constituição psíquica, desde a referência da Psicanálise, parece-nos impróprio, pois ele indica justamente o que falha nessa estrutura, a saber, a diferença fundante que estabelece os limites entre o eu e o outro.

Esta falha decorre desta posição de objeto não-separado de sua alteridade, fazendo com que construa a realidade a partir de seu reflexo sobre ela. Seria mais próprio acompanharmos o pensamento de Rickes [2006, pg. 51] dos “nós impossíveis” da escolarização, pois vemos aí uma fragilização dos limites entre o eu e o outro, que não lhe é suficientemente estrangeiro. De qual a realidade se fala para esses sujeitos, na medida em que a realidade e o conhecimento dela (epistemologia) sustentam-se na relação com os significantes? No Seminário 3, Lacan situa a psicose numa posição que não é capaz de autenticar um sentido e “partilhá-lo no discurso dos outros” [1955-56/1985, pg. 117]. Pela falha da operação simbólica, então, há uma resistência ao ingresso no laço social. Como pensar, então, a inclusão de sujeitos psicóticos em lugares, como a sala de aula ou mesmo a própria Escola, que são organizados por discursos que situam o sujeito na posição de objeto?

Inclusão: laços sociais possíveis?

Freud é cauteloso ao afirmar, na 34ª Conferência sobre Psicanálise, de 1933: “E, ademais, devemos levar em conta o fato de que os objetos de nossa influência educacional têm disposições constitucionais inatas muito diferentes, de modo que é quase impossível que o mesmo método educativo possa ser uniformemente bom para todas as crianças.” [1933/1997, pg. 182-83] Desse modo, ele roga tomar-se cuidado com o postulado ideal da educação para todos. Preocupamo-nos com a proposta de aplicação universal da inclusão, na medida em que esta pode incorrer na

adaptação do sujeito a um determinado laço social. Seria recomendável a inclusão para todos? Em que medida a inclusão pode ser terapêutica ou desorganizadora do sujeito?

Ora, Freud, no *Mal-estar da civilização*, constata que os relacionamentos sociais respondem como uma das causas do sofrimento do homem, pois a “frustração cultural domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos” [1930/1997, pg. 118]. Isto se deve por ser a cultura um elemento de recalque sobre o gozo pulsional. Em Lacan, também encontramos, na teoria dos quatro discursos, um equivalente à concepção freudiana de cultura. Os laços sociais, formalizados nos quatro discursos, são aparelhos de linguagem que estruturam o campo do gozo. Transitar da forclusão ao social, portanto, leva-nos a questionar o modo de inclusão de crianças com impasses na constituição psíquica no campo educacional sem tentar adaptá-lo a algum tipo de discurso.

Inserimo-nos nesta interlocução da Psicanálise com a Educação buscando pensar como é possível a escolarização e a inclusão escolar desses sujeitos, na medida em que, ao ser inserido em um discurso regulador, elas podem ser obrigadas a responder desde um lugar simbólico impossível para elas? Esta situação não seria próxima daquela da crise psicótica, visto que nela o sujeito desaparece na alienação ao Outro absoluto? De outro modo, estar inserido dentro de um discurso educacional poderia colocar este sujeito no lugar de *objeto* do Outro, sendo, então, condicionado àquele que possui o saber de mestre e que se refere a ele, não como sujeito, mas, conforme Lacan, como um *a-studiante* (estudante objeto *a*)?

Quais as vias possíveis de inclusão no âmbito da escolarização? Seria possível incluir socialmente aquele que está, desde sua constituição psíquica, excluído do compartilhamento dos sentidos? Como propiciar a inclusão de um escolar no campo educacional, de forma a não enquadrá-lo a um sistema normativo regulado pela identidade de seus valores, de suas qualidades e de seus determinantes sociais?

Acreditamos que a leitura da Psicanálise sobre o sujeito a partir da escuta clínica permite uma abertura ao campo do fazer da Educação Inclusiva. Sabemos que tanto o dispositivo da clínica da psicose, quanto a inclusão escolar de crianças e jovens com problemas de estruturação subjetiva são práticas que ainda estão em construção. Assim como a clínica da psicose era impossível até pouco tempo atrás, as ações inclusivas de escolarização apresentam-se ainda em construção.

Ao longo da história, é sabida a exclusão das psicoses e dos loucos de instituições como as clínicas psicanalíticas e as Escolas. Isto porque, na Psicanálise e na Educação, predominava a tendência a associar a psicose com a incurabilidade, a estagnação [BATISTA & VASQUES, 2006, pg. 158]. Também isto se deve à postura médico-pedagógica, despreparada para aceitar a impossibilidade de escutar e educar estes sujeitos. Nosso objetivo, então, insere-se na impossibilidade destas práticas: Psicanálise e Educação. Isto não significa uma resignação. Ao contrário, conduz à contínua problematização das possibilidades de escuta e de educação, à interrogação dos limites de nossos saberes, de nossas práticas e de nossa profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Obras de Lacan:

LACAN, Jacques. [1932] **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade.**

Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. [1938] **Os complexos familiares na formação do indivíduo.** Em: LACAN, J. Outros Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. [1946] **Formulações sobre a causalidade psíquica.** Em: LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. [1948] **Agressividade em Psicanálise.** Em: LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. [1949] **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica.** Em: LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. [1953-54] **O Seminário – livro 1.** Os escritos técnicos de Freud. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. [1955] **A coisa freudiana.** Em: LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. [1954-55] **O Seminário – livro 2.** O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Tradução de Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

- _____. [1955-56] **O Seminário – livro 3.** As psicoses. Tradução de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. [1956a] **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose.** Em: LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. [1956b] **Seminário sobre “A carta roubada”.** Em: LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. [1957] **A instância da letra no inconsciente.** Em: LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. [1957-58] **O Seminário – livro 5.** As formações do inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. [1964] **O Seminário – livro 11.** Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. [1966-67] **O Seminário – livro 14.** A lógica do fantasma, inédito.
- _____. [1968-69] **O Seminário – livro 16.** de um Outro ao outro. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- _____. [1969-70]. **O Seminário – livro 17.** O avesso da psicanálise. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- _____. [1971a] **O Seminário – livro 18.** De um discurso que não fosse semblante. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- _____. [1971b] **Lituraterra.** Em: LACAN, J. Outros Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. [1973] **O aturdido.** Em: LACAN, J. Outros Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. [1975-76]. **O Seminário – livro 23.** O sinthoma. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

Obras de Freud:

- FREUD, Sigmund. [1894] **Neuropsicoses de defesa.** Tradução de Jayme Salomão. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago Editora, v. III, 1997.

- _____. [1896]. **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa..** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. III, 1997.
- _____. [1911] **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de Paranóia (dementia paranoides).** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XII, 1997.
- _____. [1915] **O Inconsciente.** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XIV, 1997.
- _____. [1918]. **História de uma neurose infantil.** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XVII, 1997.
- _____. [1924a]. **Neurose e psicose.** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XIX, 1997.
- _____. [1924b]. **A perda da realidade na neurose e na psicose.** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XIX, 1997.
- _____. [1925] **A negativa.** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XIX, 1997.
- _____. [1930]. **Mal-estar na civilização.** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XXI, 1997.
- _____. [1933]. **Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise.** Conferência XXXIV – Explicações, Aplicações e Orientações. Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XXII, 1997.
- _____. [1937]. **Análise terminável e interminável.** Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XXIII, 1997.

Demais referências:

- ALLOUCHE, Jean. **Letra a Letra.** Transcrever, traduzir, transliterar. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1994.
- BATISTA, Cláudio & VASQUES, Carla. **Relevos do branco... Pela construção de um Outro Olhar na Escolarização de Sujeitos com Psicose Infantil.** Em: GURSKI, DALPIAZ & VERDI (orgs.). *Cenas da infância atual. A família, a escola e a clínica.* Ijuí: UNIJUÍ, 2006.

- COSTA, Ana. **Relações entre letra e escrita nas produções em psicanálise.** Em: Revista Estilos da Clínica, v.13, nº24, p.40-53, Rio de Janeiro, junho de 2008.
- KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o futuro: Psicanálise e Educação.** São Paulo: Editora Escuta, 2000.
- QUINET, Antônio. **Psicose e Laço Social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- _____. **Teoria e Clínica da Psicose.** São Paulo: Forense Universitária, 2009.
- PORGE, Erik. **Jacques Lacan, um psicanalista.** Percurso de um ensino. Tradução de Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, Nina Virginia de Araújo Leite e Viviane Veras. Brasília: Editora UnB, 2006.
- RIBEIRO, Jean Marie & BASTOS, Angélica. **O lugar do analista na extensão da Psicanálise à Inclusão Escolar.** Em: Estilos da Clínica, v. XII, nº23, pg. 26-35, 2007.
- RICKES, Simone. **Educação e Inclusão: nós (im)possíveis.** Em: BAPTISTA, C. (Org.) Inclusão e Escolarização. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.
- RITVO, Juan B. **O conceito de letra na obra de Lacan.** Em: A prática da letra. Rio de Janeiro: Escola da Letra Freudiana, 2000.
- SOLER, Collet. **O que Lacan dizia das mulheres.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.